



## PARA UMA IGREJA MAIS SINODAL E MISSIONÁRIA

### FOR A MORE SYNODAL AND MISSIONARY CHURCH

RAFAEL LOPEZ VILLASENOR

**Resumo:** O Papa Francisco apresenta como eixo central do pontificado o caminho da sinodalidade como caminho da Igreja no terceiro milênio. Mas o que é sinodalidade? Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, que envolve todo povo de Deus nos processos de discernimento, nas decisões e práticas pastorais e missionárias, nas decisões e práticas pastorais diante das legítimas diversidades. Uma Igreja mais sinodal é missionária, para Francisco existe a consciência clara e abrangente da necessidade do caminho sinodal, para dinamizar e reformar as estruturas eclesiais, apesar dos obstáculos e resistências que se encontram dentro da instituição. A sinodalidade é expressada de muitas maneiras no diálogo da busca da verdade na diversidade, uma delas é a celebração da Assembleia Eclesial Continental, celebrada no mês de novembro de forma híbrida: on-line e presencial. O evento mostrou o valor dos espaços de participação e escuta eclesial.

**Palavras-chave:** Sinodalidade, Missionária, Francisco, Escuta, Igreja.

**Abstract:** Pope Francis presents as the central axis of his pontificate the path of synodality as the path of the Church in the third millennium. But what is synodality? A synodal Church is a Church of listening, which involves all the people of God in the processes of discernment, in pastoral and missionary decisions and practices, in pastoral decisions and practices in the face of legitimate diversities. A more synodal church is missionary, for Francis there is a clear and comprehensive awareness of the need for the synodal path, to dynamize and reform ecclesial structures, despite the obstacles and resistance that are found within the institution. Synodality is expressed in many ways in the dialogue of the search for truth in diversity, one of them is the celebration of the Continental Ecclesial Assembly, celebrated in the month of November in a hybrid way: online and in person. The event showed the value of spaces for ecclesial participation and listening.

**Keywords:** Synodality, Missionary, Francis, Listening, Church.



## Introdução

Existem duas formas análogas de apresentar-se a Igreja, ao longo da história. A primeira é uma Igreja centralizada, preocupada com a hierarquia, com a doutrina e a moral e a segunda é uma Igreja do testemunho e martírio, em defesa da vida dos pobres e excluídos, as vezes à margem da hierarquia. Porém, a história da Igreja caminhou ao longo dos séculos com a imagem principal do “Pastor”, “aquele que cuida de suas ovelhas”, contudo o cuidado era a partir do poder do Magistério, com a complexa estrutura hierárquica. Enquanto, foi também trilhado um caminho de testemunho as margens da eclesialidade, mas tendo em base três elementos estruturais: uma experiência fundante de Deus, a vida comunitária e a missão, um modelo pode ser a vida religiosa que trabalhou testemunhando o Evangelho ao lado dos pobres.

Os tempos mudaram a partir do Concílio Vaticano II, surge uma Igreja mais comunhão e participação, inclusive a histórias também, convidando para uma leitura dos sinais dos tempos. Uma das novidades da história atual, reforçada pelo pontificado do Papa Francisco é a sinodalidade, como um sinal dos tempos, que está nitidamente ligada à missão. A sinodalidade caminha para a abertura e transformação das estruturas eclesiais e sociais que permitam renovar o impulso missionário e aproximação com os mais pobres e excluídos, valorizando mais os leigos, as mulheres e jovens, assim como a diversidade de identidades, povos e culturas. Assim sendo neste artigo apresentamos três abordagens distintas e complementares. Em primeiro lugar expomos o caminho da sinodalidade na Igreja; logo em seguida abordamos a sinodalidade na visão do Papa Francisco e finalmente a experiência da sinodalidade na Assembleia Eclesial Continental.

### 1. Trilhando o caminho da sinodalidade na história da Igreja

A origem da palavra sinodalidade provém do termo sínodo, que significa caminhar juntos. Ainda os primeiros seguidores de Jesus eram identificados pela característica de caminhar juntos (At 9,2; 22,4). Apesar das perseguições, que não eram poucas, os discípulos caminhavam unidos, sabendo que a condição humana está destinada para a vida, e não para a morte. Portanto, sínodo é palavra antiga e venerada na tradição da Igreja, seu significado explica um conteúdo muito profundo da Revelação. O termo é constituído pela preposição e pelo substantivo, “caminho” que indica o caminho feito pelo Povo de Deus que está intimamente unido ao Senhor Jesus, o qual se apresenta a si mesmo como “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6), inclusive os cristãos, no seguimento de Jesus, são, na sua origem, chamados os discípulos do Caminho (cf. At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22) (cf. CONRADO, 2020).



Nos primeiros séculos do cristianismo com a palavra “sínodo” são designadas as assembleias eclesiais convocadas nos diferentes níveis como diocesano, provincial ou regional, patriarcal, universal para discernir, à luz da Palavra de Deus e na escuta do Espírito Santo, as questões doutrinárias, litúrgicas, canônicas e pastorais que, de quando em quando, se apresentam. Logo, a “sinodalidade designa, antes de tudo, o estilo peculiar que qualifica a vida e a missão da Igreja, exprimindo a sua natureza como o caminhar juntos e o reunir-se em assembleia do povo de Deus convocado pelo Senhor Jesus na força do Espírito Santo no anúncio da Boa-Nova” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL – CTI, 2018).

Historicamente, fora dos textos da Bíblia, consideramos que o primeiro sínodo, propriamente, tenha sido convocado no ano de 155, na cidade de Roma, realizado pelo Papa Anacleto, para tratar da questão da data da Páscoa. Porém, existem também opiniões de que o primeiro sínodo teria sido convocado pelo Papa Vítor, no ano 190. A realização de sínodos na Igreja, tornou-se uma prática nos primórdios do cristianismo com o objetivo de resolviam questões doutrinárias e disciplinares, dentro de um contexto de reconhecimento recíproco das várias Igrejas particulares (FERREIRA, 2018, p 393). Todavia, é bom lembrar que não foram clérigos, mas o imperador Constantino quem solicitou o primeiro concílio ecumênico em Niceia em 325. O concílio se reuniu no palácio imperial e ele foi o presidente honorário do conselho. Posteriormente, o Papa Inocêncio III convocou o quarto Concílio de Latrão em 1215, mas pediu ao imperador que os reis, duques e abades participassem, superando os bispos em dois para um.

Voltando a sinodalidade, no início do século II, Inácio de Antioquia descreve a consciência sinodal nas diversas Igrejas locais, que solidamente se reconhecem expressão da única Igreja (CTI, 2018, n 25). Os Sínodos foram celebrados periodicamente a partir do século III, tanto a nível diocesano, como provincial, para serem tratadas questões de disciplina, culto e doutrina surgidas no âmbito local. Houve no mínimo quatrocentos sínodos entre o segundo e o sétimo século. Existia a convicção de que as decisões tomadas eram expressão da comunhão com todas as Igrejas. Cada Igreja local é expressão da Igreja una e católica, manifesta-se através da comunicação das cartas sinodais, as coleções dos cânones transmitidas às outras Igrejas (CTI, 2018, n. 28). Os Sínodos do Primeiro Milênio por um lado se refazem à Tradição apostólica, por outro resultam marcados, nos seus procedimentos concretos, pelo contexto cultural em que ocorrem. Para São João Crisóstomo (347-407), “Igreja e Sínodo são sinônimos”, porque a sinodalidade não é outra coisa que caminhar juntos.

No Segundo Milênio a prática sinodal, no Medievo, foi relativizada. A relativização criou graves problemas no interno da Igreja, como por exemplo, o caso da simultânea presença de dois papas, logo de até três pretendentes ao título papal, criando o cisma de Avinhão ou cisma



papal (1378-1417). A solução da complicada questão é dada pelo Concílio de Constança, que teve como finalidade resolver o cisma (1414-1418). Um século depois, a Igreja Católica, como resposta à crise da reforma protestante, celebra o Concílio de Trento, que foi muito menos sinodal dos anteriores. Os Bispos participam em Trento junto com os Superiores das Ordens Religiosas e das Congregações monásticas, assim como os delegados dos Príncipes, mesmo participando das sessões, não tiveram direito de voto, apenas os bispos.

O Concílio Vaticano I (1869-1870), o menos sinodal da história, foi conduzido por Pio IX, que estabeleceu a doutrina do primado e da infalibilidade do Papa (18 de julho de 1870). A partir deste dogma, não existiria mais a necessidade de convocar sínodos ou concílios na Igreja, porque o próprio papa poderia resolver tudo de forma unilateral e infalível. Entretanto, o papa João XIII, contrariando essa linha de pensamento, convocou a realização do Concílio Vaticano II, o integrando na perspectiva de completo *aggiornamento*, assumindo os ganhos amadurecidos nos decênios precedentes e compondo-os por meio de uma rica síntese à luz da Tradição.

A sinodalidade foi retomada nos documentos do Concílio Vaticano II, embora o tema, em quanto tal, não recebeu uma atenção especial, mas se converte uma categoria chave na eclesio-logia, em especial no documento *Lumen Gentium* (LG 54-57), como caminho de renovação (CONRADO, 2020). O Papa Pulo VI revitalizou a prática sinodal, instituindo oficialmente o Sínodo dos Bispos, em 15 de setembro de 1965, durante o Concílio Vaticano II, com o *Motu Proprio Apostolica Sollicitudo*. Após o Concílio Vaticano II, o próprio Paulo VI convocou o primeiro Sínodo dos Bispos, o qual ocorreu entre os dias 29 de setembro a 29 de outubro de 1967. É bom destacar que o sínodo é um órgão consultivo, não decisório, fazendo apenas recomendações ao Papa. Então, a partir do pontificado de Paulo VI, até hoje, foram realizados vários sínodos, em diferentes setores da Igreja, de maneira periódica.

Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, que envolve todo povo de Deus nos processos de discernimento, nas decisões e práticas pastorais e de tal modo também deveria ser a missão das comunidades. Portanto a sinodalidade exige o envolvimento e a participação de todo o Povo de Deus na vida e na missão da Igreja, isto é, mostra a maneira específico de viver e de agir da Igreja Povo de Deus. É o processo de busca para encontrar um lugar diante das legítimas diversidades, na sincera troca de dons à luz da verdade.

## 2. A sinodalidade no Pontificado de Francisco

A sinodalidade é de profunda atualidade, adquirindo especial importância a partir do Concílio Vaticano II e no Pontificado do Papa Francisco existe a consciência clara e abrangente da



necessidade do caminho sinodal, para dinamizar e reformar as estruturas eclesiais, apesar dos obstáculos e resistências que se encontram dentro da instituição. Francisco expressa de muitas maneiras o valor dos espaços de participação e escuta eclesial. O maior desafio no processo sinodal é a conjuntura marcada pela oposição de setores eclesiásticos, além da crise ética em estruturas governamentais, manifestando a necessidade de uma reforma eclesial.

Na homilia da Solenidade de São Pedro e São Paulo, em 2013, primeiro ano do seu pontificado, afirmou: “devemos caminhar pela estrada da sinodalidade”. Nos nove anos do pontificado de Francisco realizou vários sínodos: sobre a Família; sobre a juventude; sobre a Amazônia; atualmente, se faz a consulta para o Sínodo sobre a sinodalidade com o tema: “Por uma Igreja Sinodal, comunhão, participação e missão”. O processo tem três fases: diocesana, continental e universal. Este caminho é feito por consultas e discernimentos, tendo como ponto alto o Sínodo em Roma, em outubro de 2023.

A sinodalidade é o caminho no Magistério do Papa Francisco, sugerido sobretudo, no discurso da comemoração do 50º aniversário da instituição dos Sínodo dos Bispos, em 17 de outubro de 2015, afirmando que “o caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. Francisco apresentou sua marca num caminho sinodal que vem se desenvolvendo através da colegialidade. Para o Papa “Igreja e Sínodo são sinônimos”, porque “a Igreja não é outra coisa que o caminhar juntos”, palavras do discurso pelo 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos por Paulo VI. Em outras palavras, para o Papa Francisco na perspectiva eclesiológica do Concílio Vaticano II, a Igreja sinodal é como uma “pirâmide invertida”, oferecendo nela um quadro interpretativo mais adequado para compreender o ministério hierárquico.

Assim sendo, a Igreja vem crescendo no processo da prática sinodal, assumindo um jeito cada vez mais participativo e missionário, enquanto mais vive e pratica um estilo sinodal de comunhão. Portanto, a Igreja não é apenas sinodal, mas também é missionária, porém só é missionária se for sinodal e só é sinodal se for missionária. Uma conversão missionária não é possível sem uma conversão sinodal, o que implica a escuta que tem a coragem de pedir e dar perdão (cf. GRECH). Deste modo, existe uma consciência clara e firme do Papa Francisco para a renovação das estruturas eclesiais a partir da sinodalidade para dinamizar e descentralizar a Igreja, apesar dos obstáculos e as resistências que encontra no interior da instituição.

Francisco deseja vincular os sujeitos eclesiais das diversas categorias do Povo de Deus, nas etapas dos processos sinodais que se tem gerado nestes anos. Ele tem expressado de várias formas o valor dos espaços de participação que criam unidade e valorizam a teologia e eclesiologia



à escuta horizontal e fraterna. A Igreja não pode deixar de reconhecer a necessidade de se reformar, renovando suas formas e ser mais coerente com os princípios do Evangelho.

Para o Papa Francisco “uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta. É uma escuta recíproca em que cada um tem algo a aprender. É escutar a Deus, é também escutar com Ele o clamor do povo; e escuta o povo, a ponto de insuflar-lhe a vontade a que Deus nos chama”. O exercício da escuta é essencial em uma eclesiologia sinodal, pois parte do reconhecimento da identidade de cada sujeito eclesial como leigos, sacerdotes, religiosos, bispos, a partir de relações horizontais baseadas na radicalidade da dignidade batismal e na participação no comum sacerdócio de todos os fiéis (LG 10).

De acordo com Francisco: “escutar não é o mesmo que ouvir”. Podemos acrescentar que também não equivale a consultar. A razão é que, em uma Igreja sinodal, a escuta se faz ao discernir juntos, em um processo de discernimento comunitário e não individual, porque se trata de “saber o que o Espírito ‘diz às Igrejas’ (Ap 2,7)” e encontrar formas de proceder de acordo com cada época. Seguindo o documento *Ad Gentes*, é um discernimento que deve levar a “uma acomodação mais profunda em toda o âmbito da vida cristã” (AG, 22).

Enfim, uma forma mais completa de ser Igreja implicará, ao mesmo tempo, a conversão de mentalidades e mudanças estruturais, porque “a sinodalidade dificilmente pode existir sem lugares ou procedimentos institucionais para sua implementação”. De fato, a Comissão Teológica Internacional nos lembra que “a dimensão sinodal da Igreja deve se expressar através da implementação e governança de processos de participação e discernimento capazes de manifestar o dinamismo de comunhão que inspira todas as decisões eclesiais” (CTI, 76).

### 3. A sinodalidade na Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe

O primeiro encontro sinodal continental foi o Concílio Plenário Latino-Americano 1899 em Roma; após um longo período de mais da metade de um século, aconteceram os Encontros das Conferências Episcopais do CELAM (Conferência Episcopal Latino Americano) realizadas com intervalos de 11 a 15 anos: Rio de Janeiro, 1955; Medellín, 1968; Puebla, 1979; Santo Domingo, 1992; Aparecida, 2007. Quando foi feito o pedido pelo CELAM para realizar a VI Conferência Latino-americana, o Papa Francisco sugeriu que se fizesse algo novo e inédito, pensou que era necessário que se reunisse não somente os bispos, mas também representantes de todos os segmentos da Igreja e do continente, que compõem o “povo santo de Deus” a partir da retomada do Documento de Aparecida, que “ainda é muito atual e temos muito que aprender”.



Seguindo as indicações do Papa Francisco, no lugar de uma Conferência Episcopal, após ter ouvido o Povo de Deus, a Assembleia Eclesial Latino-Americana e do Caribe aconteceu nos dias de 21 a 28 de novembro, de forma híbrida, um grupo reduzido, por causa da pandemia do covid-19, se encontrou na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, na cidade do México e o restante pela plataforma zoom de forma virtual. O tema foi “Todos somos discípulos missionários em saída” retomando o espírito da V Conferência Geral, realizada em Aparecida em 2007, em sintonia com as Conferências anteriores, tendo no horizonte o Jubileu Guadalupense em 2031 e o Jubileu da Redenção em 2033. A assembleia, aconteceu sob as novas tecnologias. A transmissão digital foi aberta, para qualquer pessoa interessada em acompanhar o evento, através dos vários canais, na maioria do tempo. Porém, faltou um maior acompanhamento na preparação dos delegados, para que tivessem mais elementos nos grupos de discernimento.

A Assembleia Eclesial foi realizada depois do Sínodo para Amazônia e dentro do horizonte do caminho do Sínodo sobre a sinodalidade, isto é, a XVI Assembleia Geral Ordinária, que será realizada em outubro de 2023, em Roma. O Papa Francisco considera que é necessária a fase de participação do papel ativo do Povo de Deus no caminho para esta Assembleia Geral Ordinária é fundamental, entretanto é uma parte importante e integrante do Sínodo, para o efeito expressa no seu princípio, que possa envolver a Igreja universal: “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”.

O processo de preparação começou com a escuta, durante cinco meses, de abril a agosto de 2021, o Povo de Deus foi ouvido, no meio da Pandemia. Para facilitar o processo de escuta foi criada uma plataforma com o preenchimento de um formulário com diversas questões. As respostas foram feitas em grupos, por fóruns ou de maneira pessoal. Apesar da indiferença da maioria das Igrejas locais o processo teve a participações direta de cerca de 70 mil pessoas, sendo 47 mil em diversos espaços comunitários; 8.500 contribuições pessoais; e 14 mil participando de espaços de reflexão de fóruns na América Latina, sobre os temas mais amplos e diversos. De acordo com a organização a fase de escuta teve a maioria de aportes das mulheres dos diferentes países e instâncias eclesiais, porém na Assembleia as mulheres representavam apenas uma terceira parte dos delegados.

A Assembleia Eclesial, foi algo inédito na história da Igreja, seguindo o desejo de Francisco. Pela primeira vez reuniu representantes dos diversos setores da Igreja. A participação aconteceu com 93% on-line e apenas 7% presencial por causa da pandemia; sendo aproximadamente mil delegados conectados virtualmente e quase cem de forma presencial. A composição seguiu as orientações do Papa de que “todos somos parte do Povo de Deus”, desta maneira,



para contemplar os diferentes setores, os participantes foram 20% de bispos, 20% de sacerdotes, 20% de religiosas e religiosos, 40% de laicos, 1,7% de diáconos, além de 0,7 % de outras religiões. A presença feminina representou 36% e a masculina é de 64 %. Neste dinamismo o povo assumiu o pleno papel como batizados e batizadas de acordo com a *Lumen Gentium* abertos às vozes das pessoas de boa vontade.

A principal novidade foi o caráter eclesial e sinodal, que não se define por sua identidade eclesial, mas por sua capacidade de envolver e ouvir o mundo, e não apenas os fiéis na sinodalidade. Outra inovação é que foi uma Assembleia Eclesiástica e não Episcopal. Porém, não foi composta apenas por membros da Igreja Católica, participam com igual direito de voz, as pessoas, os movimentos e as instituições sociais, religiosas que a Igreja deseja e deve ouvir para discernir as mudanças que ela mesma deve realizar. Foi a primeira vez a Igreja da América Latina e do Caribe escutas diversas vozes do povo de Deus, amplamente coletadas, são vozes de homens e mulheres, crianças, jovens, comunidades, povos afrodescendentes, camponesas, universitários, comunidades LGBTQ, pessoas com capacidades diferentes ou especiais, conferências episcopais, bispos, padres, religiosos, leigos, enfim pessoas de vários contextos socioculturais, com o intuito de identificar os sinais dos tempos a partir das interpelações.

A Assembleia Eclesial se colocou no processo de escuta, com a convicção de ser o *kairós*, o tempo propício de Deus, sendo chamados a escutar a voz do Espírito Santo que emana do Povo de Deus. O encontro foi um processo de discernimento comum para responder aos signos dos tempos, para impulsionar a missão eclesial, delineando novos caminhos para o continente, seguindo os sonhos do Papa Francisco apresentados na Exortação “Querida Amazônia”: social, ecológico, cultural e eclesial. O Sínodo da Amazônia expôs a necessidade de uma “conversão integral”, que se desdobre na conversão pastoral, cultural, ecológica e sinodal (cf. QA, 7).

O principal e decisivo meio, durante o desenvolvimento do evento, foram os pequenos grupos de discernimento comunitário, aonde aconteciam virtualmente os encontros de todos os membros da Assembleia, tanto os que participavam na Casa Lago, sede da Conferência Episcopal Mexicana na Cidade do México, como quem estava conectado online, a partir dos diversos lugares do continente. O ambiente virtual foi o espaço para dialogar e partilhar as diferentes experiências do continente, como um lugar de discernimento, de escuta comunitário e como vivência da sinodalidade do Povo de Deus. A grande variedade de pessoas, experiências, estados de vida, idiomas, sotaques, culturas, enriqueceram a partilha na escuta do Espírito que inspira e guia no caminho sinodal dentro de um novo ardor missionário. Como assegura a mensagem final:





Com grande alegria vivemos essa Assembleia como uma verdadeira experiência de sinodalidade, em escuta mútua e no discernimento comunitário do que o Espírito Santo quer dizer à sua Igreja. Caminhamos juntos, reconhecendo nossa diversidade poliédrica, mas acima de tudo, reconhecendo o que nos une, e nesse diálogo, nossos corações como discípulos se voltaram para as realidades que o continente está vivenciando, em suas dores e esperanças.

A partir do discernimento dos cinquenta grupos on-line se viu a necessidade de maior reconhecimento do protagonismo das mulheres na sociedade e na Igreja, a superação do clericalismo, da autorreferencialidade eclesial, a valorização da juventude, a reafirmação da opção preferencial pelos pobres e pela justiça, a necessidade de retomar das CEBs como parte da experiência sinodal no continente, que não aparecem de forma clara nos desafios pastorais apresentados no final da Assembleia.

Foram muito importantes a escuta dos testemunhos de vida dos participantes, alguns presenciais e outros virtuais, que animaram com entusiasmo o caminhar junto em comunhão e sinodalidade, apresentando as ricas experiências de vida e missão nos lugares mais remotos e desafiadores do continente, como o acompanhamento das vítimas da pandemia, das mulheres que sofrem violência, dos imigrantes indocumentados, dos povos originários, dos afrodescendentes, dos jovens, entre outros muitos.

A Assembleia Eclesial foi uma experiência profunda sinodal, que criou esperanças e marcou desafios. Ainda não sabemos realmente quais serão os verdadeiros frutos, por se tratar de um evento inédito na história eclesial. Esperamos que possa ser um *kairós* para Igreja na América Latina e no Caribe, um momento histórico para os caminhos pastorais e missionários para o continente. Entretanto o evento suscitou esperança de uma Igreja sinodal, através do processo de escuta, comunhão e participação.

A sinodalidade entendida como um espaço de participação e abertura para a transformação das estruturas eclesiais e sociais que permitam renovar o impulso missionário e aproximação com os mais pobres e excluídos, valorizando mais os leigos, as mulheres e jovens, assim como a diversidade de identidades, povos e culturas. Igualmente foi suscitada a Esperança de uma Igreja mais próxima do sofrimento do Povo, que valorize mais as CEBs, gere ações em defesa dos direitos humanos, da Casa Comum, escutando o clamor dos mais pobres e excluídos.

Um projeto missionário só pode emergir do processo sinodal de escuta-discernimento. Para realizar uma atuação sinodal, conversão pastoral e missionária se exige que alguns paradigmas,



ainda muito presentes na cultura eclesial sejam superados o que parece um desafio que a maioria da Igreja não está disposta a enfrentar. Entre estes, a concentração da responsabilidade da missão apenas no ministério dos pastores ordenados como bispos e padres, assim como a insuficiente valorização da vida consagrada e dos dons carismáticos, inclusive a pouca apreciação da atual ação específica e qualificada dos leigos, em especial das mulheres. Portanto, o exercício de um estilo sinodal de comunhão e participação, constituem a base para uma eficaz conversão missionária e pastoral do discípulo missionário.

Para ser uma Igreja missionária existe o desafio de superação do clericalismo, que abusa do poder institucionalizado para manter os leigos à margem das decisões (cf. EG, 102). Este obstaculiza o crescimento de uma Igreja Sinodal e missionária, o eco coloca a Igreja na necessidade de uma constante conversão. O Papa Francisco convida repetidamente a passar de uma Igreja clerical para uma Igreja Sinodal. Portanto, é impossível imaginar uma conversão eclesial sem a participação ativa de todos os membros do Povo de Deus. Uma Igreja sinodal não é autorreferencial, mas missionária; é uma Igreja que escuta o grito dos pobres e da terra.

Houve grandes esforços sintéticos a fim de que não fosse uma “Torre de Babel” diante da diversidade e pluralidade de opiniões, visões e manifestações. Logo como fruto do discernimento grupal foram apontados pela coordenação quarenta e um desafios pastorais para Igreja na América Latina, com as suas orientações pastorais de forma sintética, escolhidos através de indicações online, priorizando apenas doze. As experiências pastorais como as CEBs, as pastorais sociais, as Missões Populares e os Mártires da caminhada, aparecerem de maneira tímida nos desafios pastorais apresentados no final do encontro. Parece que o resultado foi pouco expressivo para um evento tão esperado. Apesar das deficiências, lacunas e limites da Assembleia, confiamos que sejamos capazes de assumirmos o compromisso de uma Igreja em saída.

## Considerações finais

A sinodalidade não pode ser reduzida a um olhar exclusivo para *ad intra*, mas *ad extra* no processo de conversão eclesial e missionário, criando consciência de que todos somos Igreja e, portanto, todos somos discípulos missionários. Neste sentido se ouviram vozes com o desejo da renovação do compromisso da missão, como tarefa de todo o povo de Deus. Os protagonistas da missão no mundo são os próprios leigos, superando a visão tradicional da missão. O caminho da sinodalidade requer constante conversão pastoral e missionária, que consiste em uma renovação de mentalidade, de atitudes, de práticas e de estruturas em vista da cada vez maior fidelidade à própria vocação.



A sinodalidade deve ser um tempo de discernimento e de escuta, embora desperte as vezes, pouco interesse de vários setores da Igreja. Todavia, fica a responsabilidade de preservar e dar continuidade ao processo sinodal, atualizando e revitalizando a comunidade eclesial, sendo cada vez mais missionária, isso é, uma “Igreja em saída”, de “portas abertas”, seguindo o desejo, os princípios e os ensinamentos do magistério do Papa Francisco.

Francisco deseja e pretende que o processo sinodal seja um ato de comunhão, participação e colegialidade, embora a tradição dos sínodos se limita apenas a uma consulta aos bispos. Nesse sentido, acreditamos que é necessário mais ousadia e coragem por parte da Igreja, para que a celebração dos sínodos, não seja mais um evento eclesial, mas que possa levar para uma prática concreta revitalizando a Igreja, isto é, sendo mais missionária, por meio da comunhão e participação. Entretanto, é necessário dar o salto de qualidade eclesial que possa abrir os horizontes para uma Igreja mais missionária. Enfim, esperamos que a caminhada sinodal realizada por Francisco, possa ser um verdadeiro *kairós* para Igreja Universal e para o continente da América Latina e do Caribe.

Na história atual observamos que apesar dos limites, a sinodalidade se está configurando como uma nova experiência, especialmente no nível da Comunidade eclesial, no contexto da mentalidade pós-moderna, que demonstra uma sede ardente do sagrado junto com uma secularização invasiva. O fascínio do transcendente, juntamente com desequilíbrios, uma sede de amor e intimidade junto com certo transtorno descontrolado na vida afetiva que são reptos contemporâneos. Esperamos que a vivência e a compreensão da sinodalidade traga mais comunhão na vivência e participação na missão.

## Referências

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. *Documento de trabajo: Escucha en la 1ª Asamblea Eclesial para América Latina y el Caribe. Voces del Pueblo*. Disponível: <https://asambleaecclesial.lat/> Acesso 19 de novembro de 2021.

\_\_\_\_\_. *Documento para el Discernimiento comunitario*. En la Primera Asamblea Eclesial de América Latina y el Caribe “Todos somos discípulos misioneros en salida” Disponível: <https://asambleaecclesial.lat/> Acesso 19 de novembro de 2021.

\_\_\_\_\_. *Los desafíos Pastorales de la Asamblea Eclesial de América Latina y del Caribe*. Documento em PDF.



- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018. (Documentos da Igreja, 48).
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Brasília: Ed. CNBB, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Brasília: Ed. CNBB, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Decreto Ad Gentes*. Brasília: Ed. CNBB, 2018.
- CONRADO, S. Sinodalidade e conversão pastoral. *Revista Vida Pastoral*, São Paulo: Paulus, ano 61, n. 331, fev. 2020.
- FERREIRA, A. A Sinodalidade Eclesial no Magistério do Papa Francisco. *Revista ATeo*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 390-404, maio/ago. 2018.
- FRANCISCO. *Discurso do santo padre Francisco: comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*. 17 out. 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/>. Acesso: 16/09/2021.
- \_\_\_\_\_. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Exortação apostólica Querida Amazônia*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Mensagem para a abertura da Assembleia da América Latina e caribe*. PDF.
- GRECH, Card. Mário. *Mensagem do Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos, para a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe*. Documento PDF.

## Dados do autor

Doutor em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia pela PUC-SP. Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP. Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Assunção e em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Xaveriano (México).

Recebido em 26/04/2022

Aprovado em 12/06/2022